

AJ 11.381

## ELMO ELTON

### Uma coleção que reverencia o passado

Carlos Chenier

"Uma coleção modesta porém valiosa". Assim se refere Elmo Elton à Coleção de antiguidades que doou ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Nesta frase está contida toda uma existência dedicada a colecionar preciosidades e sabe-se que parte desse acervo já foi vendida para parentes no Rio de Janeiro, antes mesmo de voltar para Vitória.

**"E**lmo Elton é ensaísta, poeta e historiador. Membro da Academia Espírito-Santense de Letras e secretário geral do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Nasceu em Vitória, viveu longo tempo no Rio de Janeiro e agora, aos 58 anos, dedica-se com afinco, método e inteligência, tanto aos seus amigos, quanto aos estudos. Senhor de muitas amizades, na sua aposentadoria procura viver dentro da dignidade permitida nesta ilha de muito disparate. Com bom senso, consegue harmonizar o seu isolamento, sua solidão, com a paciência e um quase refinamento oriental.

Por exemplo, em momento determinado da conversa que se desenvolve em seu apartamento, diz convicto: "A cadeira que existe na cela do padre Anchieta na cidade de Anchieta não é do padre.

Isso porque seu estilo é d. José (estilo de mobiliário) e este tipo de cadeira não poderia ter sido fabricada na época, não é contemporânea ao padre Anchieta. Depois, revela que já procurou desmistificar este fato, mas não lhe deram ouvidos. Estabeleceram que tal cadeira seria da época do agora Beato Anchieta, que por aqui viveu no século XVI e contra as falsi-

e dunquerquees estilo Império, assim como peças de suplicio, época da escravidão e uma específica chamada **viramundos**, além de algemas em metal e palmatória. Em um corredor há um cabideiro de parede da época do Brasil Colônia, de procedência de Minas, além de um banco de igreja datado do século 18, sem contar as louças (opalinas francesas) datadas do século passado além de uma banquetta que é procedente da Região do Tijuco (zona diamantífera de Minas Gerais) do tempo do Império.

Sobre duas cômodas duas imagens, bem raras de santos. Peças pequenas reais, transpassadas pelos anos. Uma de Santa Ana em madeira (pau-brasil) datada do século 18, assim como a outra de São Pedro Papa em pedra-sabão. Poderemos observar uma infinidade de coisas, assim

Nestor Müller



Elmo Elton: pesquisa histórica e artística

como detalhes de um **expert** que classifica tudo com a categoria de quem conhece o que coleciona. Um antigo telefone ou uma antiga máquina Singer, podem parecer ser parte da coleção, mas são apenas velharias de antiquário, segundo o colecionador, que distingue bem os modismos dos decoradores e as peças de real valor histórico.

#### O colecionador surgiu de que forma?

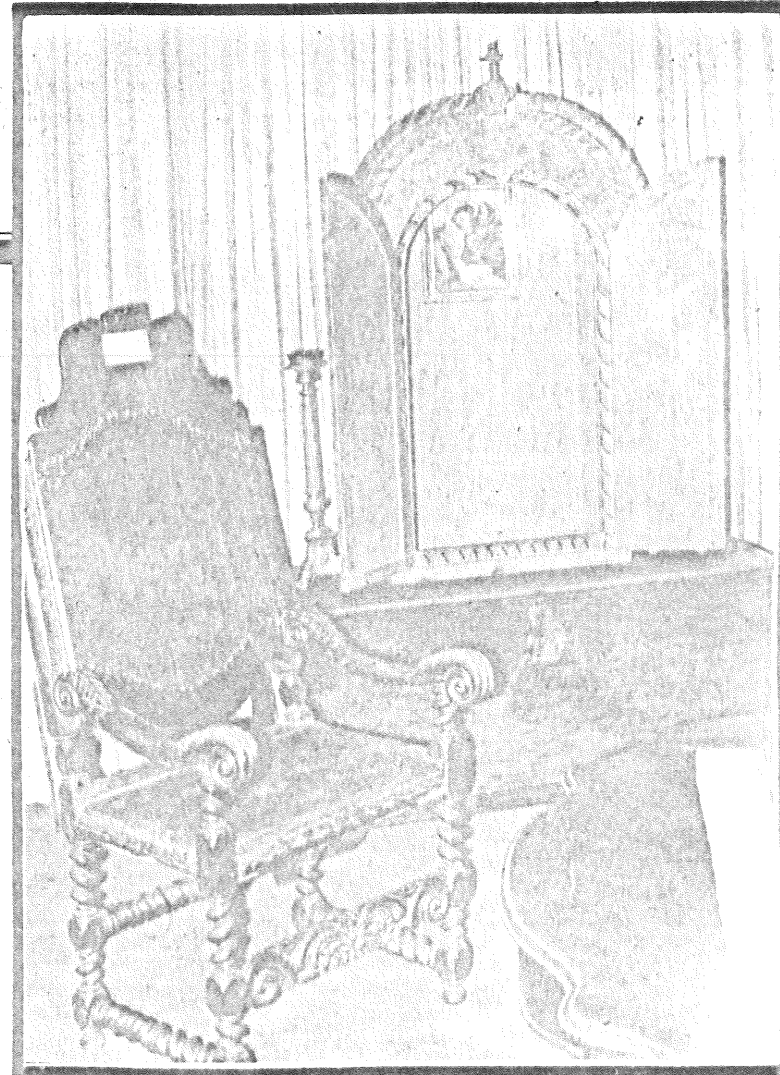
— Gostei sempre de colecionar, tanto que, quando ainda menino, possuí vasta coleção de caixas de fósforos e as tinha de várias procedências, muitas de países longínquos, como China e Japão. A coleção era bonita, curiosa, as caixas de vários formatos, grandes e pequenas, o material nem sempre o mesmo, sendo que algumas delas, as européias, traziam bem feitas reproduções de quadros de pintores célebres. Essa coleção, que conservei durante muitos anos, doe a um de meus sobrinhos.

#### O amor a objetos antigos começou quando?

— Esse amor creio que nasceu comigo. Lembro-me que, quando ainda bem criança, encantava-me visitar templos antigos, os museus, residências onde eu sabia existir peças antigas. E me interessava por saber o nome, a utilidade, o material usado, a procedência desses objetos. Quando passei a residir no Rio, lá vivi de 1948 a 1980, comecei a adquirir imagens de santos, móveis, telas, louças, opalinas, pratos de parede, tudo, enfim, que me tocasse a sensibilidade. A princípio, ia adquirindo o que estivesse a meu alcance, depois, com o tempo, mais apurado o meu gosto, passei a selecionar as peças só

Quais as peças doadas ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo de maior importância para Elmo Elton?

— Doei ao Instituto móveis, telas, louças, opalinas, livros e preciosa coleção com mais de 5 mil autógrafos brasileiros. A coleção mais antiga de pinturas pertence



Uma autêntica cadeira da época de Anchieta. Ao fundo, oratório e arca.

espanhóis. Hoje, contudo, não mais me preocupo em adquirir novas peças, até porque não teria condições financeiras para tanto, visto o alto preço que se cobra pelos objetos de arte antiga.

#### Como o sr. vê a preservação do nosso patrimônio artístico e histórico?

— Uma lástima. Os governos daqui, também os de outros Estados, dão pouca ou nenhuma importância a essas coisas. Vitória, cronologicamente a quarta cidade mais antiga do País, não possui quase nada que diga de seu passado. O Colégio dos Jesuítas foi radicalmente modificado, o Convento de São Francisco destruído, só restando a fachada do templo, as igrejas da Conceição da Prainha, de São Tiago, da Misericórdia, a primitiva Matriz, tudo isso foi impensadamente posto abaixo. Os antigos fortes, os chafarizes, prédios históricos, vários de interesse arquitetônico, igualmente desaparecidos. As igrejas, localizadas no interior, roubadas em suas imagens e alfaías, construções antigas, rurais, se arruinaram, embora significativas como documentos da histórica econômica do Espírito Santo. Felizmente, o Museu Solar Monjardim, ainda conserva preciosas imagens, móveis e outras peças de valor. Aqui, também se vem destruindo, dia a dia, os monumentos da natureza, paisagísticos, sendo Vitória uma das vítimas dessa sistemática depredação.

Quais as peças doadas ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo de maior importância para Elmo Elton?

— Doei ao Instituto móveis, telas, louças, opalinas, livros e preciosa coleção com mais de 5 mil autógrafos brasileiros. A coleção mais antiga de pinturas pertence

balhos literários ainda quando adolescente, na imprensa de Vitória. Publicava poemas na revista **Vida Capixaba** e nos jornais **A Gazeta** e **A Tribuna**. Esses poemas, após selecionados, foram compendiados em cinco volumes. Também escrevi ensaios e trabalhos de história literária, ora reunidos em livros, como **O Noivado de Bilac**, **A Família de Alberto de Oliveira** e a biografia de Amélia de Oliveira. Atualmente, escrevo, de preferência, monografias sobre temas capixabas e as vou publicando na Revista do IHGES e em outros órgãos especializados, mesmo foram do Estado. Tenho inédito dois volumes: — o **Dicionário Bibliográfico do Espírito Santo** e **Tipos Populares de Vitória**.

#### O Sr. se sente um homem realizado?

— Nunca. Quem se diz realizado ou é de todo idiota ou não tem qualquer poder de imaginação.

#### Vi no seu apartamento um grande quadro da Escola Cusquenha...

— Os quadros cusquenhos só passaram a ser conhecidos, no Brasil, após o término da última grande guerra. Foram pintados no Peru, Bolívia, Equador, também no Paraguai, por religiosos ali chegados, a partir do século XVI, em missão catequética. Representavam cenas bíblicas, do Velho e Novo Testamento, a vida de Cristo, de Nossa Senhora, dos apóstolos. Igualmente pintavam santos de suas respectivas ordens religiosas. Os jesuítas retratavam Santo Inácio de Loyola, São Francisco de Xavier, São Francisco de Borja e outros. Os dominicanos pintavam Santo Tomás de Aquino, Santo Domingo de Gusmano e outros.



existência dedicada a colecionar preciosidades e sabe-se que parte desse acervo já foi vendida para parentes no Rio de Janeiro, antes mesmo de voltar para Vitória.

**"E**lmo Elton é ensaísta, poeta e historiador. Membro da Academia Espírito-Santense de Letras e secretário geral do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Nasceu em Vitória, viveu longo tempo no Rio de Janeiro e agora, aos 58 anos, dedica-se com afinco, método e inteligência, tanto aos seus amigos, quanto aos estudos. Senhor de muitas amizades, na sua aposentadoria procura viver dentro da dignidade permitida nesta ilha de muito disparate. Com bom senso, consegue harmonizar o seu isolamento, sua solidão, com a paciência e um quase refinamento oriental.

Por exemplo, em momento determinado da conversa que se desenvolve em seu apartamento, diz convicto: "A cadeira que existe na cela do padre Anchieta na cidade de Anchieta não é do padre.

Isso porque seu estilo é d. José (estilo de mobiliário) e este tipo de cadeira não poderia ter sido fabricada na época, não é contemporânea ao padre Anchieta. "Depois, revela que já procurou desmistificar este fato, mas não lhe deram ouvidos. Estabeleceram que tal cadeira seria da época do agora Beato Anchieta, que por aqui viveu no século XVI e contra as falsidades estabelecidas pela História, o quase folclore, é impossível lutar.

#### PEÇAS

Elmo Elton vive em um apartamento que pertence ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Ali estão peças de uma multiplicidade muito grande, mas se não são muitas, pelo menos são raras, valiosas e foram delicadamente adquiridas, organizadas e guardadas durante toda sua vida.

No quarto ao lado, onde está nos recebendo, vamos encontrar uma cadeira agora anexada à coleção Elmo Elton. Esta cadeira, por exemplo, tem escrita em espaldar, no alto: "Cadeira do Padre Anchieta quando em visitação à Igreja dos Reis Magos em Nova Almeida". Além desta cadeira que, realmente, é da época, (século XVI) há outra do antigo Convento de São Francisco que traz no espaldar em couro gravado o brasão da Ordem Franciscana, também da época.

— Todas as peças estão sendo cadastradas pelo Instituto Histórico e Geográfico para uma posterior publicação em catálogo, com a descrição correta de cada objeto. Depois, Elmo observa que as cadeiras não são de sua coleção, mas foram incorporadas a ela, já que doou tudo à instituição.

Entre os objetos artísticos vamos encontrar: um oratório em estilo popular procedente do município da Serra do século XIX, arcas, baneos, baús, rocas, camas estilo Dona Maria, mesas e consolos em estilo Luiz Felipe, touceadores

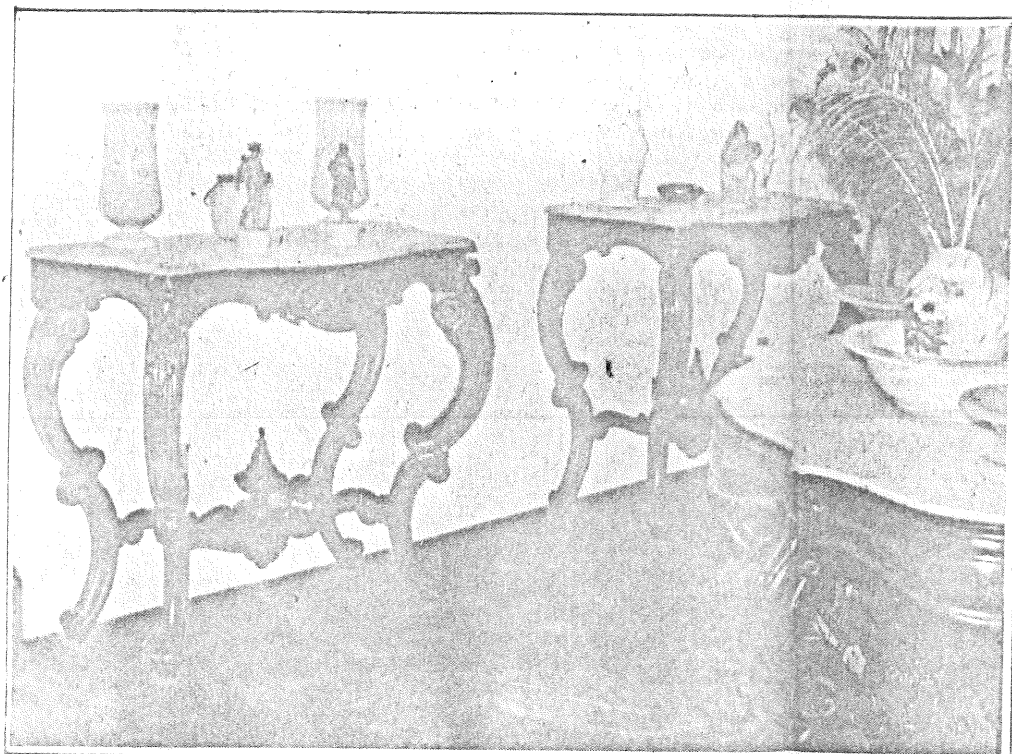
(Gerais) do tempo do Império.

Sobre duas cômodas duas imagens, bem raras de santos. Peças pequenas reais, transpassadas pelos anos. Uma de Santa Ana em madeira (pau-brasil) datada do século 18, assim como a outra de São Pedro Papa em pedra-sabão. Poderemos observar uma infinidade de coisas, assim

Nestor Müller



Dois peças valiosas: Cabidão de fazenda e banco de igreja. Século XVIII



Consolos com peças opalinas e esculturas muito antigas

Elmo Elton: pesquisa histórica e artística

como detalhes de um expert que classifica tudo com a categoria de quem conhece o que coleciona. Um antigo telefone ou uma antiga máquina Singer, podem parecer ser parte da coleção, mas são apenas velharias de antiquário, segundo o colecionador, que distingue bem os modismos dos decoradores e as peças de real valor histórico.

#### O colecionador surgiu de que forma?

— Gostei sempre de colecionar. tanto que, quando ainda menino, possui vasta coleção de caixas de fósforos e as tinha de várias procedências, muitas de países longínquos, como China e Japão. A coleção era bonita, curiosa, as caixas de vários formatos, grandes e pequenas, o material nem sempre o mesmo, sendo que algumas delas, as européias, traziam bem feitas reproduções de quadros de pintores célebres. Essa coleção, que conservei durante muitos anos, doei a um de meus sobrinhos.

#### O amor a objetos antigos começou quando?

— Esse amor creio que nasceu comigo. Lembro-me que, quando ainda bem criança, encantava-me visitar templos antigos, os museus, residências onde eu sabia existir peças antigas. E me interessava por saber o nome, a utilidade, o material usado, a procedência desses objetos. Quando passei a residir no Rio, lá vivi de 1948 a 1980, comecei a adquirir imagens de santos, móveis, telas, louças, opalinas, pratos de parede, tudo, enfim, que me tocasse a sensibilidade. A princípio, ia adquirindo o que estivesse a meu alcance, depois, com o tempo, mais apurado o meu gosto, passei a selecionar as peças, só adquirindo aquelas realmente boas ou raras. Fiz, é certo, algumas compras e trocas desvantajosas, mas outras de grande importância para mim. Enquanto colecionava, estudava tudo que, nas livrarias do Rio, aparecesse sobre arte antiga, sendo os livros, quase todos franceses ou ingleses, também alguns italianos, outros

espanhóis. Hoje, contudo, não mais me preocupo em adquirir novas peças, até porque não teria condições financeiras para tanto, visto o alto preço que se cobra pelos objetos de arte antiga.

#### Como o sr. vê a preservação do nosso patrimônio artístico e histórico?

— Uma lástima. Os governos daqui, também os de outros Estados, dão pouca ou nenhuma importância a essas coisas. Vitória, cronologicamente a quarta cidade mais antiga do País, não possui quase nada que diga de seu passado. O Colégio dos Jesuítas foi radicalmente modificado, o Convento de São Francisco destruído, só restando a fachada do templo, as igrejas da Conceição da Prainha, de São Tiago, da Misericórdia, a primitiva Matriz, tudo isso foi impensadamente posto abaixo. Os antigos fortes, os chafarizes, prédios históricos, vários de interesse arquitetônico, igualmente desaparecidos. As igrejas, localizadas no interior, roubadas em suas imagens e alfaias, construções antigas, rurais, se arruinaram, embora significativas como documentos da histórica econômica do Espírito Santo. Felizmente, o Museu Solar Monjardim, ainda conserva preciosas imagens, móveis e outras peças de valor. Aqui, também se vem destruindo, dia a dia, os monumentos da natureza, paisagísticos, sendo Vitória uma das vítimas dessa sistemática depredação.

#### Quais as peças doadas ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo de maior importância para Elmo Elton?

— Doei ao Instituto móveis, telas, louças, opalinas, livros e preciosa coleção com mais de 5 mil autógrafos brasileiros. A doação eu a fiz tendo em vista a natureza do IHGES, a mais antiga entidade cultural do Estado, já que fundada em 1916. O Instituto, após a minha morte, preservará esse acervo, não muito grande, é verdade, mas de indiscutível relevância. Esses objetos foram colecionados não por nenhum milionário, mas por quem tem sensibilidade, por quem sabe o valor de uma peça antiga como documento, nunca apenas como simples objeto de decoração. Não sei lhe dizer, porém, qual a mais valiosa das peças doadas, já que todas me parecem significativas.

#### Fale um pouco sobre seu passado literário.

— Comecei a publicar meus tra-

balhos literários ainda quando adolescente, na imprensa de Vitória. Publicava poemas na revista **Vida Capixaba** e nos jornais **A Gazeta** e **A Tribuna**. Esses poemas, após selecionados, foram compendiados em cinco volumes. Também escrevi ensaios e trabalhos de história literária, ora reunidos em livros, como **O Noivado de Bilac**, **A Família de Alberto de Oliveira** e a biografia de Amélia de Oliveira. Atualmente, escrevo, de preferência, monografias sobre temas capixabas e as vou publicando na Revista do IHGES e em outros órgãos especializados, mesmo foram do Estado. Tenho inédito dois volumes: — o **Dicionário Bibliográfico do Espírito Santo** e **Tipos Populares de Vitória**.

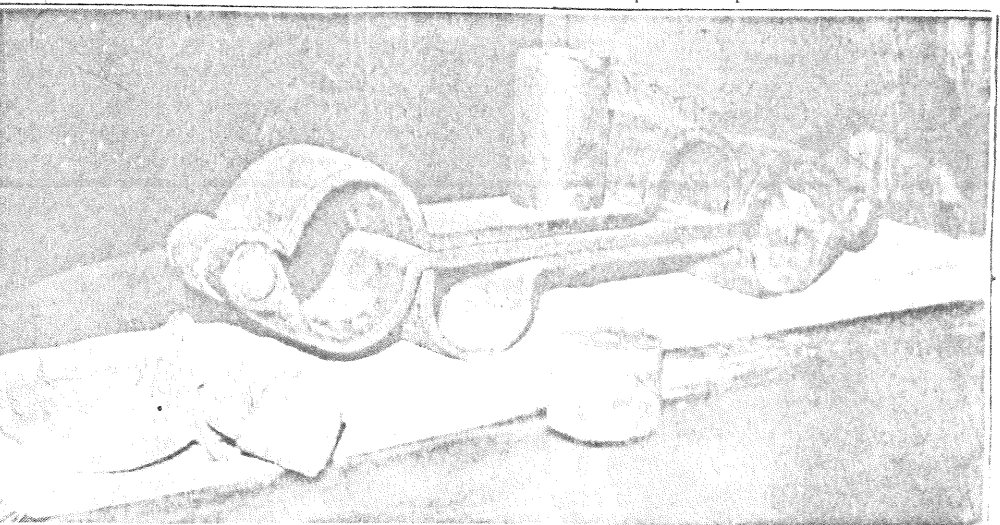
#### O Sr. se sente um homem realizado?

— Nunca. Quem se diz realizado ou é de todo idiota ou não tem qualquer poder de imaginação.

#### Vi no seu apartamento um grande quadro da Escola Cusquenha...

— Os quadros cusquenhos só passaram a ser conhecidos, no Brasil, após o término da última grande guerra. Foram pintados no Peru, Bolívia, Equador, também no Paraguai, por religiosos ali chegados, a partir do século XVI, em missão catequética. Representavam cenas bíblicas, do Velho e Novo Testamento, a vida de Cristo, de Nossa Senhora, dos apóstolos. Igualmente pintavam santos de suas respectivas ordens religiosas. Os jesuítas retratavam Santo Inácio de Loyola, São Francisco de Xavier, São Francisco de Borja e outros. Os dominicanos pintavam Santo Tomás de Aquino, São Domingos e Santa Rosa de Lima, enquanto os franciscanos se preocupavam em fixar em tela, de preferência, as figuras de São Francisco de Assis e Santa Clara. Os carmelitas pintavam os santos da ordem do Carmo, como Santa Teresa de Ávila e São Pedro de Alcântara. Esses quadros, muito coloridos, alguns farratamente dourados com o outro encontrado naqueles territórios ibero-americanos, tinham caráter didático, facilitavam os religiosos nos serviços de doutrinação dos nativos.

O quadro que você viu em nosso apartamento representa São Domingos de Gusmão, data dos fins do século XVII e teria sido pintado por um dominicano.



Algemas, palmatória e o viramundos. Instrumentos de tortura da escravidão